



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## **REFLEXÕES SOBRE A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NECESSIDADES ESPECIAIS NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA DE UMA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL DE JOÃO PESSOA/PB.**

Rafael Cabral Paulino; Angélica Araújo de Melo Maia; Ademar Dias dos Santos;

*(Universidade Federal da Paraíba, rafacabral21@hotmail.com)*

### **INTRODUÇÃO**

Um dos focos do subprojeto PIBID Letras-Inglês na Universidade Federal da Paraíba para o Ensino fundamental é o trabalho de ensino de língua inglesa para os alunos com necessidade especiais da escola municipal atendida. Assim, no primeiro semestre de 2015, 7 bolsistas realizaram atividades em sala de aula e fora dela para facilitar o aprendizado de inglês para esse público. Este trabalho tem como foco discutir aspectos relacionados à inclusão dos alunos com deficiência acompanhados nessa escola, a partir de uma pesquisa que investigou como esta inclusão está sendo praticada nas aulas de língua inglesa, no que tange aos seguintes aspectos: os conteúdos de aprendizagem; o relacionamento com o professor e com a turma; os materiais utilizados pelos professores; e o trabalho com esses alunos na sala de recursos multifuncionais.

### **PROBLEMATIZAÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Essa pesquisa se apoia nos Parâmetros Curriculares Nacionais de 1988, onde se afirma que para promover a inclusão real de alunos com deficiência é preciso adaptar o currículo escolar, as metodologias, as atividades e até a forma de contextualizar o conteúdo em sala. Autores como Drago, Silveira e Bravo (2013) também advogam em defesa das adaptações e destacam que o professor deve ter o conhecimento sobre seu aluno para que possa tomar essas decisões, como também é essencial uma interação respeitosa, responsável e consciente entre o professor e os outros alunos da turma e os alunos com necessidades especiais. Carvalho (2013) afirma que as adaptações curriculares consistem em modificações espontaneamente realizadas pelos professores e também incluem todas as estratégias que são intencionalmente organizadas para dar resposta às necessidades de cada aluno, particularmente dos que apresentam dificuldade na aprendizagem. Todos esses



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

aspectos deveriam ser tratados de forma consistente no processo de formação de professores, o que raramente acontece.

## **METODOLOGIA**

Em termos de metodologia, a investigação toma como corpus de análise os relatos mensais de 7 bolsistas PIBID que atuaram nessa escola em 2015, e busca identificar nesses relatos alguns fragmentos que dizem respeito aos aspectos observados relacionados à inclusão dentro da escola, e especificamente, nas aulas de língua inglesa. A partir dos fragmentos destacados, busca-se interpretar como a inclusão está sendo compreendida e posta em prática nesse contexto, e quais os desafios e mudanças necessárias para facilitar esse processo.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

As primeiras análises revelam, por exemplo, que em língua inglesa, as atividades planejadas para os alunos com deficiência não condizem com o nível de conhecimento dos alunos e não os ajuda a avançar do ponto de vista cognitivo, porque apresentam um conteúdo muito além ou muito aquém do que esses alunos são capazes de realizar. O fato de os alunos com deficiência serem tratados sem consideração de suas necessidades específicas, e terem suas limitações ignoradas no planejamento pedagógico dificulta sua progressão dentro dos conteúdos trabalhados em sala.

No quadro abaixo, destacamos alguns fragmentos dos diários que dizem respeito às categorias de análise propostas, fazendo comentários sobre o fragmento destacado.

<b>Categorias</b>	<b>Fragmentos diários</b>	<b>Comentários</b>
-------------------	---------------------------	--------------------



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

<p><b>Conteúdos de aprendizagem</b></p>	<p>“Para uma [aluna] do 9º ano com síndrome de down. O tema a ser abordado na avaliação foi o mesmo visto pela aluna durante a primeira unidade, <i>Movies</i> (Filmes). Para elaborar, levei em consideração o filme favorito da aluna, <i>Frozen</i>. Foram utilizadas questões de compreensão geral na maior parte, mas também trabalhamos dentro do tema os pronomes pessoais (<i>He/She</i>)(visto pela aluna em sala)” (RP, maio 2015)</p> <p>“O conteúdo abordado na segunda avaliação foi: <i>emoticons</i>, já que trabalhamos com a turma sobre o WhatsApp, a aluna aprendeu (happy e Sad), também trabalhamos personagens aquáticos devido o desenho Bob Esponja que aparecia no livro didático e foi trabalhado em sala pela professora titular.”</p>	<p>Na primeira avaliação da aprendizagem preparada para os alunos com necessidades especiais, os bolsistas não conheciam as necessidades de cada aluno, nem seus gostos e preferências. A avaliação levou em conta tão somente o tema proposto no livro para aquela série em que o aluno especial se encontrava. Talvez por causa disso, os alunos precisaram de bastante suporte para que pudessem compreender o conteúdo. Na segunda avaliação preparada, de forma diferente, o conteúdo abordado foi adaptado ao nível e às preferências dos alunos, e levou em consideração as atividades preparadas para cada aluno especial na aula de língua inglesa, o que facilitou a compreensão das questões e favoreceu o bom desempenho dos alunos, inclusive com mais autonomia.</p>
---	---	--



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

<b>Relacionamento com o professor e a turma</b>	“Acredito ser a falta de conscientização o maior empecilho dessa inclusão. Falta informação para funcionários, equipe gestora, equipe pedagógica e alunado, é preciso esclarecer, conhecer. Esta é a única maneira de substituir sentimentos como medo, pena, raiva ou repulsa, por empatia, solidariedade, admiração e respeito.” (RP, junho 2015)	O grande problema é que todos acham que tratar a pessoa com deficiência diferente é uma ação de exclusão. Eles precisam entender que só podemos incluí-los quando entendermos suas necessidades e tratá-los de forma que todas as suas necessidades sejam atendidas. Falta criar uma relação afetuosa entre eles, tratá-los diferentes nas suas peculiaridades mas sem esquecer que eles são seres humanos e precisam ser amados e respeitados pelo professor, pelos colegas e por toda a comunidade escolar.
<b>Materiais utilizados</b>	“Na última semana uma coisa que muito me chamou a atenção foi que durante a aula que estava sendo ministrada pela professora regente, o estudante estava sendo acompanhado por sua cuidadora, mas não acompanhava a aula porque o livro que é utilizado por quem possui deficiência intelectual é exatamente igual ao de todos os outros alunos, e este é relativamente pobre no que se refere aos cuidados para com o aprendizado especial, pois o mesmo não incorpora atividades flexíveis para atender nenhuma necessidade do tipo e nenhuma pausa fora feita pela professora para permitir a interação deste aluno com o conteúdo. (AD, maio 2015)	Como destacou o bolsista, mesmo com uma cuidadora, o aluno do sétimo ano portador da Síndrome de Down não consegue acompanhar o conteúdo trabalhado pela turma, porque o livro didático, o mesmo usado com o restante da turma, não oferece qualquer flexibilização ou adaptação que favoreça o a aprendizagem do aluno. Em relação à língua inglesa.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

<b>Trabalho na sala de recursos</b>	A [segunda] avaliação foi aplicada na sala de recursos para crianças especiais. Estavam presentes alunos com as mais variadas deficiências e isso de certa forma alterou o comportamento deste aluno porque ele não se sentiu a vontade para a realização da avaliação. (AA, Julho 2015)	A sala de recursos não dispõe de equipamentos adequados para a realização de aulas de língua, mas é uma sala onde não há muito barulho e é possível que os alunos demandem maior concentração na realização das atividades propostas., já que alguns não se sentem a vontade com o barulho da turma.
-------------------------------------	--	--

Quadro 1: Trechos dos diários reflexivos por categorias com comentários

De forma geral, após analisarmos os relatos, podemos perceber que:

a) As adaptações nas atividades são essenciais para o aprendizado dos alunos especiais, já que no caso do contexto estudado, somente a partir das realizações dessas adaptações, eles puderam progredir dentro do currículo proposto. Isso inclui também a forma de avaliar o progresso desses alunos.

b) É importante criar formas de relacionamento do aluno especial com o professor, com a turma e com a comunidade escolar que sejam acolhedoras, solidárias e respeitadas, pois a falta desses aspectos é fator que desfavorece a aprendizagem.

c) Os materiais utilizados devem ser cuidadosamente preparados para combinar com as capacidades a serem desenvolvidas com o aluno especial, levando em conta o que é necessário o que é possível para o aluno realizar e o que pode motivar esse aluno a querer aprender.

d) A sala de recursos multifuncionais pode ser um espaço de atendimento essencial para o aluno especial, mas deve-se considerar a natureza das atividades que serão desenvolvidas nesse espaço e utilizá-lo como espaço complementar à sala de aula, não como alternativa a ela.



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## CONCLUSÃO

Espera-se que essa pesquisa contribua para o entendimento dos desafios atuais da inclusão de alunos com necessidades especiais no ensino fundamental regular, particularmente no que se refere à disciplina língua inglesa, abrindo possibilidades para o desenvolvimento de ações curriculares que transformem a maneira como eles são vistos e tratados dentro da sala de aula, de forma a atenderas suas necessidades específicas, o que é garantido por lei.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, 1998. Parâmetros Curriculares Nacionais. Adaptações Curriculares. Estratégias para a educação de alunos com necessidades educacionais especiais.

CARVALHO, R. E. *Escola inclusiva: a reorganização do espaço pedagógico*. 5 ed. Porto Alegre. Mediação, 2012.

DRAGO, R., SILVEIRA, L.V., BRAVO, D.O. Síndromes: planejando ações pedagógicas inclusivas. In: DRAGO, Rogério (Org.). *Síndromes: conhecer, planejar e incluir*. 2 ed. Rio de Janeiro. Wak Editora, 2013. p. 177-190.